

# Oh Sweet Oblivion Feels Alright...

Seattle, capital do Estado de Washington, nos Estados Unidos, fica a dez mil, setecentos e oitenta e um quilômetros da minha casa e isso parece não significar quase nada em termos de distância. Seattle é logo ali, diriam os mais otimistas. A cena musical originada lá dominou a primeira metade dos anos 90, agitou e angustiou os corações de uma geração cansada do rock opulento e hedonista que dominou a década anterior. Nós éramos crianças e não entendíamos quase nada do que estava acontecendo no mundo naquela época, mas as ondas de choque criadas por acordes dissonantes varreram por anos este planeta composto por um punhado de terra que cerca a minha casa. Estas ondas indissipáveis eventualmente acertaram os nossos corações em cheio, como as baquetas de Dave Grohl acertando caixa, em Smells Like Teen Spirit. O estrago estava feito. Foi questão de tempo até arranhar os primeiros acordes, a trincar os primeiros pratos, a rasgar os jeans nos joelhos e montar a primeira banda.

Então, em um belo dia, numa cidade localizada dez mil, setecentos e oitenta e um quilômetros de Seattle, alguns amigos de longa data se reuniram para conversar, beber e ouvir uns discos. Enquanto escutavam a música Shadow of the Season, do Screaming Trees, como

um alerta vindo das profundezas do coração de um poeta amaldiçoado, Mark Lanegan nos disse "the hour is ending, can't you see?". "O que ele quis dizer?", pensávamos sob o peso agonizante de um tic-tac frenético. Era como se Lanegan tivesse tomado para si as palavras de Jim Morrison e se personificado em frente aos nossos olhos dizendo "the future is uncertain and the end is always near".

De repente, como em um despertar de um sonho ou de um doce esquecimento, percebemos que as décadas haviam passado e o mundo não era mais grunge, o rock não era mais tão transgressor. Alguns de nós já haviam abandonado a música e seguido suas carreiras profissionais. Era hora de voltar. Por nós. Por Frederico Westphalen. Por Seattle, que ainda ficava dez mil, setecentos e oitenta e um quilômetros da minha casa.

Foi assim que nasceu a Oblivion ou pelo menos eu prefiro acreditar ter sido assim até o final dessa história. Hoje somos cinco amigos com a mesma inquietação e efervescência daqueles dias antigos em que vestíamos calças rasgadas com cheiro de espírito adolescente e aprendíamos acordes nas revistas vendidas em bancas de jornais. A Oblivion é o nosso grito de amor pelo rock alternativo dos anos 90 que sempre fez parte da nossa vida e duvido que um dia deixe de fazer.



Adriano Scapin - Guitarra

Tiago Quadro - Baixo

Fabrício Argenta - Vocal e Guitarra

Lucas Wirti - Guitarra

Natercio Audino - Bateria

## Oblivion